

**FUTEBOL, PROMOÇÃO DA SAÚDE E PROJETOS SOCIAIS**Douglas Verônico Alves da Silva<sup>1</sup>, Rogério Cruz de Oliveira<sup>2</sup>**RESUMO**

Introdução e objetivo: A pedagogia do futebol no Brasil, por ser frequentemente influenciada por métodos de treinamento de atletas de alto rendimento, assim como pela cultura do dom inato, caracteriza-se como excludente, reducionista e simplista, por contemplar aqueles poucos que atingirão o profissionalismo, com consequências negativas para a saúde, como exclusão, especialização precoce, busca ao resultado/vitória a qualquer custo, doping. Assim, este estudo bibliográfico tem como objetivo compreender a relação da pedagogia do futebol com a promoção da saúde, principalmente em ambientes educacionais como projetos sociais do terceiro setor. Discussão e conclusão: É necessário o entendimento do conceito ampliado de saúde, como resultado de seus determinantes sociais, e de promoção da saúde, conceituada como promoção de espaços saudáveis, empoderamento da população e desenvolvimento de habilidades, conhecimentos e atitudes. Por conseguinte, os objetivos do ensino do futebol devem confluir para este conceito, dentro de uma pedagogia inovadora, interessada na formação plena dos alunos. Para tal, se apoia na educação para a saúde, tendo jogos e a reflexão como métodos didáticos.

**Palavras-chave:** Educação. Esporte. Ciências Humanas. Organizações não governamentais.

**ABSTRACT**

Football, health promotion and social projects

Introduction and Objective: The pedagogy of football in Brazil is frequently influenced both by methods of high-performance sports training and by the culture of innate gift. Thus, such pedagogy is characterized as exclusionary, reductionist and simplistic since it contemplates those few who will achieve professionalism. Consequently, it results in negative effects on health, as well as exclusion, sports early specialization, the search for results/victory at any cost and doping. Therefore, this bibliographic study aims at understanding the relationship between football pedagogy and health promotion, especially in educational environments such as social projects in the third sector. Discussion and Conclusion: It is necessary to understand not only the expanded concept of health, as a result of its social determinants, but also of health promotion, defined as the promotion of healthy environments, people empowerment and the development of skills, knowledge and attitudes. Thus, the goals of teaching football should converge to this concept, within an innovative pedagogy, fully interested in the learners' development. To this end, it relies on education for health, with games and discussion for critical thinking as teaching methods.

**Key words:** Education. Sports. Humanities. Organizations.

E-mail dos autores:  
douglasjdsantos@hotmail.com  
rogerio.cruz@unifesp.br

Autor Correspondente:  
Rogério Cruz de Oliveira  
rogerio.cruz@unifesp.br  
Departamento de Ciências do Movimento Humano.  
Universidade Federal de São Paulo-Campus Baixada Santista.  
Rua Silva Jardim 136.  
Vila Mathias, Santos-SP, Brasil.  
CEP: 11015-020.

1 - Universidade Santa Cecília, Santos-SP, Brasil; Coordenador Pedagógico da Fundação Settaport, Santos-SP, Brasil; Membro Pesquisador do Grupo de Estudo e Pesquisa Sociocultural em Educação Física da Universidade Federal de São Paulo-Campus Baixada Santista, Santos-SP, Brasil  
2 - Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde; Departamento de Ciências do Movimento Humano; Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa Sociocultural em Educação Física; Universidade Federal de São Paulo-Campus Baixada Santista, Santos-SP, Brasil.

**INTRODUÇÃO**

As características do esporte-espetáculo, que prima pela produtividade (vitória, exposição, venda, renda, homogeneização), servem de modelo tanto para o esporte escolar quanto para o esporte na perspectiva do lazer (Bracht, 2005).

O ensino do esporte tem sofrido forte influência deste modelo, centrado na repetição de gestos técnicos universalizados para a performance ótima e para a imitação de esportistas recordistas e vitoriosos, desconsiderando o ser pensante que executa tais gestos e seu histórico sociocultural no esporte.

Este modelo reducionista e simplista (Santana, 2008), tem como consequências a ênfase ao treino da performance padronizada, especialização precoce e doping (Daolio e Veloso, 2008; Kunz, 2016).

Bracht (2005) acredita que o esporte como atividade de lazer não pode ter o esporte de alto rendimento como modelo já que este pode ser um problema de saúde e não um fomentador da saúde.

Por esse motivo, uma pedagogia do esporte humanizada voltada para o desenvolvimento integral dos educandos tem sido objeto de estudo de diversos especialistas do esporte que se contrapõem a uma pedagogia exclusivamente voltada para a produção de atletas de elite.

Nessa esteira, a saúde em um conceito ampliado, compreendido como uma resultante das condições de vida das pessoas (Minayo, 1992) ou como uma experimentação do indivíduo em sua relação com a sociedade (Palma, Estevão e Bagrichevsky, 2003), é um fator chave e pode fazer parte do objetivo do ensino do futebol.

Sendo assim, o objetivo desse estudo bibliográfico<sup>1</sup> é discutir os potenciais relações entre a pedagogia do futebol e a promoção da saúde, principalmente no contexto de projetos sociais, haja vista que estes se propõem a utilizar o esporte como ferramenta de transformação social.

Pedagogia do esporte, futebol e o terceiro setor

Infelizmente, há no senso comum do futebol brasileiro a ideia de que jogar bem futebol é um dom (Giglio, 2005; Scaglia, 2011).

Scaglia (1999) constatou que ex-jogadores de futebol que ensinam a modalidade acreditam que jogador de futebol nasce pronto, determinado, não sendo possível sua formação e nem o ensino.

Diversos autores refutam essa ideia (Giglio, 2005; Scaglia, 2011) e ressaltam a importância de o professor compreender a relevância da interação com o meio para o ensino/aprendizado da modalidade.

Além disso, ambientes de ensino são frequentemente impregnados de malefícios que afligem a sociedade. Oliveira (2005) percebeu o desrespeito à diversidade, desigualdade de gênero, homofobia, hiperseletividade durante a prática de futebol em aulas de educação física: meninas, meninos sem habilidades padronizadas do alto rendimento e meninos que apresentavam aparente afeminização participavam pouco ou eram de alguma forma excluídos das aulas, confirmando Giglio (2005) ao afirmarem que o futebol é uma forma de expressão da sociedade.

Sendo assim, é necessária a discussão do ensino do futebol baseado em uma visão mais ampla.

Santana (2008) defende abordagens de ensino de futebol que atendam a ideais socioeducacionais, que se preocupam com o desenvolvimento da criança como ser humano, e não com a vitória no esporte, ou a execução de gestos técnicos padronizados, típicos de abordagens analíticas.

Para o autor o ensino do futsal deve, no lugar de processos que buscam crianças adequadas ao esporte, cultivar preocupação com as crianças reais, pois o esporte é um direito de todos e não somente de privilegiados/as (Santana, 2008).

Portanto, ressalta o mesmo autor, há necessidade de um tratamento pedagógico para o futsal na infância, por exemplo.

Embora Santana (2008) tenha se pronunciado a partir do futsal, compreende-se que é possível a transposição para a reflexão do futebol e outros esportes, incitando assim o seguinte questionamento: Qual seria então a abordagem de ensino de futebol mais adequada para ambientes voltados para o desenvolvimento pleno do ser humano? Sadi (2003) nos oferece pistas ao conceituar a

<sup>1</sup> Trata-se de parte da discussão teórica de dissertação de mestrado defendida em 2020, que se ocupou da compreensão das possibilidades didático-pedagógicas do ensino do futebol em sua relação com a saúde.

pedagogia do esporte como um campo específico ocupado no desenvolvimento de metodologias adequadas para atividades individuais e/ou coletivas, nas quais o tratamento didático-esportivo é embasado no ensino de técnicas e táticas por meio de jogos.

Nessa perspectiva, Scaglia (2011) defende que há uma relação ecossistêmica entre jogos e brincadeiras de bolas com os pés próprios da cultura brasileira, no qual o futebol está inserido, chamando-os de família de jogos com os pés, entre os quais há a possibilidade de transferência de emergências e suas respectivas condutas motoras. Para o autor, a pedagogia do esporte necessita partir das intenções do jogo e não das habilidades, técnicas e padrões dos/as jogadores/as, privilegiando assim a compreensão da lógica tática e organizacional de cada jogo. Além disso, há necessidade de considerar como principal princípio pedagógico a inclusão de todos, pois se aprende a jogar sem prerrogativa de possuir pré-requisitos (Scaglia, 2011).

Nessa esteira, um ambiente para o desenvolvimento de inteligência para o jogo é criado, o que favorece a ampliação das competências dos/as jogadores/as em “ler” o jogo, consequentemente, adquirindo autonomia para resolução dos problemas dos jogos de bolas com os pés (Scaglia, 2011).

Paralelamente, Santana (2008) apoia o fato de, no aprendizado pelo jogo, a criança se sente mais motivada, se entrega e aprende mais. Além disso, aprende não só a jogar coletivamente, mas também as tomadas de decisão inerentes às características do jogo (a bola, o adversário, o companheiro de equipe, o gol, as regras, o espaço de jogo) dentro da pressão de tempo (Santana, 2008).

De acordo com as características do jogo de futebol de imprevisibilidade e de constante tomadas de decisão dos jogadores e sendo jogos uma importante ferramenta pedagógica, tanto técnico-tática (no desenvolvimento de condutas motoras) quanto no processo de aquisição de valores socioeducativos, entendemos o jogo como ferramenta de uma vertente através da qual o campo da pedagogia do esporte tem se pronunciado: a favor de metodologias mais amplas do ensino esportivo.

Assim, se reafirma a tendência de uma pedagogia que pensa não somente na execução de gestos técnicos, mas voltada para o ser humano que os está executando, indo ao encontro de Marques (2014), que, ao

conceituar a pedagogia como ciência da educação ou ciência dos educadores, ocupada dos processos de ensino-aprendizagem dos seres humanos, não a fragmenta entre o fazer e o pensar.

Nessa esteira, encontra-se Kunz (2016) e sua defesa em torno de uma pedagogia crítico-emancipatória, a qual objetiva na educação dos/as alunos/as o uso da razão crítica para poder agir de formas social, cultural e esportiva, tendo como conteúdos teórico-práticos o trabalho, a linguagem e a interação social, capacitando o/a aluno/a para práticas esportivas de forma autônoma, relações solidárias e cooperativas e, finalmente, para a participação crítica, de comunicação criativa, exploratória e com discernimento.

Portanto, os jogos e brincadeiras, e aqueles com os pés, talvez sejam estratégias mais adequadas para a iniciação ao futebol em projetos sociais.

Primeiro porque a criança se sente mais motivada ao jogar/brincar, aumentando seu empenho na atividade.

Segundo, porque o futebol como qualquer modalidade aberta, a execução de um fundamento técnico está sempre atrelada à tomada de decisão.

Partindo do pressuposto que o jogo se configura em conteúdo, método e tarefa para o ensino dos esportes coletivos, a iniciação esportiva com crianças e adolescentes deveria ter um caráter educacional, haja vista que são pessoas em formação e uma grande parte pode ter o esporte como forma de lazer na vida adulta, logo os objetivos do ensino devem ser alargados na direção da formação de um cidadão que se utilize do esporte, de forma a reproduzi-lo, transformá-lo e produzi-lo em diversas formas (Rossetto Júnior, 2010).

Nessa perspectiva, Machado, Galatti e Paes (2011) propõe a organização de conteúdos e procedimentos pedagógicos em projetos sociais pautados nos referenciais pedagógicos técnico-táticos, o socioeducativo e o histórico-cultural, ressaltando como procedimentos pedagógicos para o referencial técnico-tático uma aprendizagem através de jogos reduzidos, jogos pré-desportivos e jogos modificados.

Acreditam que através destes, os alunos podem desenvolver autonomia através da solução de problemas, além da criatividade e cognição (Machado, Galatti e Paes, 2011).

Assim, a pedagogia do esporte voltada para o/a educando/aluno/a, desenvolvendo

nele/a, além das habilidades necessárias para a prática esportiva, valores como participação, cooperação, convivência, autonomia, para que saiba transferi-los para além da prática esportiva, interferindo/melhorando o seu ambiente sociocultural, para o gozo de uma cidadania plena e saudável, talvez seja a mais adequada para aulas de esportes nos mais diversos ambientes, principalmente se concordarmos com Libâneo (2013), para quem a educação é uma prática social, que ocorre em diversas instituições, exercendo influências sobre os indivíduos, que, ao assimilá-las e recriá-las, são capazes de estabelecer uma relação ativa e transformadora em relação ao meio social.

Portanto, está tanto em instituições de ensino formais, como escolas, ou não formais, como escolas de esportes, clubes e projetos sociais.

Estes últimos são comumente promovidos por organizações da iniciativa privada, sem fins lucrativos, e que prestam serviço de caráter público, ou o terceiro setor: recorte social que se diferencia do (mas não oposto) público/estado, o primeiro setor, e do privado/mercado, o segundo setor (Montagão, 2010).

Estes projetos se caracterizam como espaços para a transformação social dos seus beneficiados, tendo como objetivos contribuir para o estímulo ao desenvolvimento da autonomia, criticidade e cidadania do aluno e o ampliar culturalmente em relação ao fenômeno esportivo (Machado, Galatti e Paes, 2011).

Para Hirma e Montagner (2012), o discurso nos projetos socioeducativos que atuam com o esporte se afirmam na não detecção de talentos, mas para que jovens (inclusive talentosos/as) possam se desenvolver, contribuindo para a formação do cidadão.

No entanto, os autores se questionam: Qual o meio mais eficaz para esse objetivo?

Na tentativa de responder à essa pergunta, é possível entendermos a relação do esporte com o terceiro setor no Brasil quando analisamos a influência deste setor nas políticas públicas do esporte. O início desta relação se deu nos anos 1990, advindo do conceito da transferência da atribuição do Estado de garantia dos direitos sociais, como saúde, educação, moradia e trabalho, para a esfera não estatal, ou organizações criadas pela iniciativa privada (Pinto e Oliveira, 2017).

A partir deste momento histórico, houve crescimento de ONGs ligadas a

políticas públicas de proteção de jovens e adolescentes vistos como vulneráveis aos problemas sociais, movimentando significativo recurso público (Pinto e Oliveira, 2017).

Segundo os mesmos autores, o discurso das ONGs que lidam com o esporte é pouco condizente com uma dinâmica que de fato contribua na assimilação do esporte como direito do cidadão, na construção da cidadania e na inclusão dos indivíduos e grupos em uma sociedade de direitos.

Poderíamos então assumir que a pedagogia de ensino de esportes nestas ONGs é de fato condizente com aquilo que afirma promover, ou seja, voltada para a utilização do esporte como ferramenta de transformação social? Rossetto Júnior, Costa e D'angelo (2008) afirmam haver uma dicotomia e abismo entre o discurso e a prática pedagógica, pois, apesar de o primeiro estar vinculado ao desenvolvimento de valores e atitudes, a prática pedagógica está longe de possibilitar a educação integral dos beneficiados, além de reproduzir características e visão do esporte de alto rendimento.

Assim, para uma formação/transformação através do esporte em projetos sociais ou organizações do terceiro setor, entendemos que professores/as devem estar conscientes das questões promotoras das situações que afligem beneficiados destes projetos, e/ou serem conscientes de suas verdadeiras causas, assumindo o papel como atores/atrizes importante no processo de ensino/aprendizado/treinamento do esporte que seja significativo para uma mudança para o melhor.

Entretanto, Capela (2000) alerta para o fato de que uma grande parte de seus/suas profissionais não se enxergam como agentes de processos de mudança. O que se configura num grande limite.

Machado, Galatti e Paes (2015), ao estudarem o tratamento pedagógico dado ao esporte, comparando as finalidades do ensino com os conteúdos aplicados a partir das perspectivas de professores/as e alunos/as em um projeto social, evidenciaram a prevalência de conteúdos de referencial técnico-táticos e uma consequente disparidade com as finalidades do projeto.

Frente ao exposto, entendemos que a pedagogia do futebol em projetos sociais deva ser pautada em abordagens que atendam a ideais socioeducacionais e de



desenvolvimento da criança como ser humano.

Para tal, utilizar-se-ia do jogo como método didático, já que este possibilita uma participação crítica e desenvolvimento de autonomia para que saiba interferir/melhorar o seu ambiente sociocultural. Essa pedagogia vai ao encontro dos preceitos de promoção da saúde.

Para Lotti e Oliveira (2016a), há uma relação latente entre a pedagogia do esporte e a saúde.

### **Esporte e saúde**

Partindo da compreensão de Kunz (2016), que o esporte, em sua perspectiva ampla, pode significar toda e qualquer atividade ligada ao movimento humano (diálogo entre o ser humano e mundo), podemos afirmar que sua relação com a saúde é notória.

Como exemplo, temos difundido globalmente o estímulo à prática de atividade física (abrangida pelo conceito amplo de esporte) regular como forma de melhora das condições de saúde e prevenção de agravos.

Programas como o Healthy People 2000 em 1990 nos estados Unidos e o Agita São Paulo lançado em 1996 no Brasil coordenado pelo Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul (CELAFISCS), em conjunto com a Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo são exemplos de políticas públicas em saúde frequentemente exercidas através da promoção da atividade física.

Apesar de não negarmos a importância da prática regular de atividade física, para Devede (1996) esse tipo de abordagem difunde uma relação de causalidade entre atividade física e saúde. Em síntese: Faça atividade física e seja saudável!

Assim, percebemos que o esporte relacionado à saúde via aptidão física se apoia em abordagem comportamental de uma visão de promoção da saúde oriunda de um conceito de saúde reduzido, como sendo ausência de doenças, ou relacionado às capacidades físico-funcionais que, possivelmente, interfiram no bem-estar.

Tubino, Tubino e Garrido (2007) alertam que, muitas vezes, a aptidão física é confundida com saúde.

Assim, se para Devede (1996), a relação da educação física com a saúde por meio exclusivo dos benefícios orgânicos-

funcionais é reducionista, compreendemos que para com o esporte também o é.

Noutra esteira, temos a perspectiva progressista de promoção da saúde, a qual visa a elaboração de políticas intersectoriais voltadas à melhoria da qualidade de vida das populações (Czeresnia, 2003).

Esta perspectiva entende a multifatorialidade do conceito de saúde, pois não apenas o estilo de vida é determinante, mas também - como declara a Carta de Ottawa, apresentada na Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, em 1986, em Ottawa, Canadá - que paz, habitação, educação, alimentação, renda, ecossistema estável, recursos sustentáveis justiça social e equidade são condições e recursos fundamentais para a saúde (Organização Mundial da Saúde, 1986).

Assim, concordamos com Westphal (2012) quando propõe a saúde dentro de uma abordagem socioambiental, como sendo o estado positivo de bem-estar biopsicossocial e espiritual, com a realização de aspirações e atendimento de necessidades, tendo como determinantes condições de risco biológicas, psicológicas, socioeconômicas, educacionais culturais, políticas e ambientais.

Nessa esteira, é possível pensarmos também o papel da pedagogia do esporte na direção da qualidade de vida e o bem-estar social, se adequando ao moderno conceito socioambiental de saúde citado acima.

Ainda segundo o mesmo conceito, a saúde é promovida através da promoção de espaços saudáveis, empoderamento da população e desenvolvimento de habilidades, conhecimentos e atitudes, todos podendo ser contemplados por esta pedagogia, principalmente no que tange à convergência das temáticas de autonomia e humanização, abarcando assim a pedagogia do futebol já discutida, ou aquela que contém ideais socioeducacionais para o desenvolvimento da criança como ser humano e que estimula uma participação crítica para possibilitar o desenvolvimento de autonomia para capacitá-la a melhorar seu ambiente sociocultural.

Para Lotti e Oliveira (2016b), esse tipo de abordagem resultaria numa participação mais ativa dos indivíduos nas práticas esportivas, resultando em vivências significativas. Acreditamos que o jogo como método didático também contribuiria para essas vivências.

Entretanto, entendemos que o jogo por si só não seria suficiente para fomentar nos

alunos a criticidade almejada. Surge a necessidade de um método que leve os alunos a refletirem sobre o ambiente de jogo para atuarem autonomamente sobre este ambiente.

Neste sentido, nós apoiamos em Carvalho e Carvalho (2006), que entendem a educação para a saúde (EpS) como um dos instrumentos mais eficazes para a promoção da saúde.

Segundo as autoras, a abordagem integral de EpS é a que mais se adequa ao novo paradigma de saúde.

Esta vai além da provisão de informações para a modificação de comportamentos individuais, mas procura inserir os cidadãos no processo de transformação de fatores pessoais, ambientais ou socioeconômicos que incidem diretamente na saúde.

Em nosso entendimento, tal perspectiva se alinha a um ensino de futebol no contexto da promoção da saúde.

Para Carvalho e Carvalho (2006), o empoderamento é um dos modelos de EpS e promoção da saúde, haja vista a importância da criação da consciência crítica junto com o fortalecimento e provisão das competências de gerir os constrangimentos ambientais, o que fazemos coro.

Assim, os/as educandos/as deveriam passar por um processo de compreensão, suplantado com um processo de clarificação de valores e crenças, requerendo, segundo Carvalho e Carvalho (2006), a discussão em grupo.

Esse é um ponto didático fundamental, pois é este que levará os educandos a refletirem e deve ser feito, não somente se/quando necessário, mas sempre que possível ao longo da sessão de aula/treino, seja para discussão de conteúdos socioeducativos, seja para a discussão dos conteúdos técnico-táticos relacionados ao jogo de futebol.

Diante do exposto, aulas de futebol em ambientes educacionais de ensino, formais ou não formais (caso de projetos sociais do terceiro setor) deveriam visar o desenvolvimento pleno do cidadão anteriormente à revelação de talentos e formação de campeões.

Neste contexto, se torna pertinente a pedagogia do futebol voltada para a promoção da saúde. Para tal, elencamos uma transformação paradigmática do conceito de saúde para o socioambiental, que transformaria também o conceito de promoção

de saúde, sendo os métodos didáticos fundamentais o jogo e a reflexão por parte dos alunos.

Se o binômio esporte e saúde é historicamente marcado pela máxima "Pratique esporte e seja saudável!", revelador de uma relação de causa e consequência, ousamos aqui marcar uma relação mais ampla, na direção da compreensão do fenômeno esportivo como inerente à formação humana.

Embasado em Bracht (2013), para o qual a educação física escolar precisa assumir um discurso de saúde voltado ao autocuidado ou cuidado de si, compreendemos que se trata de um horizonte possível ao ensino do futebol no contexto dos projetos sociais.

Não se trata, claro, de obscurecer as relações do ensino do futebol com outras searas, como o lazer e a educação, por exemplo, mas sim de acrescentar ao debate a legitimidade da saúde para além da relação de causa e consequência ou de prevenção de lesões, a saber: o emporadamento de crianças e jovens frente ao cenário contemporâneo que coloca nas costas do esporte e, consequentemente, do futebol, uma série de atributos que não se esgotam só na modalidade.

## CONCLUSÃO

A pedagogia do esporte, muito influenciada pelo esporte de alto rendimento, concentrou a intervenção pedagógica em um paradigma profissionalizante, preocupada com o ensino de técnicas padronizadas específicas para a performance e desenvolvimento de atletas.

Esta é uma pedagogia com características simplistas e reducionistas por desprezar a dimensões humanas e ignorar características socioeducativas.

Nesta esteira, soma-se ainda, na pedagogia do futebol no Brasil, a cultura do dom inato, no qual acredita-se que praticantes nos quais é vislumbrada a possibilidade de atingir o alto rendimento devam ser inseridos em um processo linear de "lapidação" dos gestos para que consigam chegar ao profissionalismo.

Ao contrário, a pedagogia do futebol, pode ser pensada em uma abordagem socioeducativa, preocupada com o desenvolvimento pleno do educando enquanto ser humano, capaz de conviver e atuar autônoma e cooperativamente em seu (meio)

ambiente, consciente sobre sua qualidade de vida e sua saúde.

Nesse sentido, saúde deve ser conceituada de forma ampliada, pautada em seus determinantes sociais.

Consequentemente a promoção da saúde passa a ser vista para além da redução do risco epidemiológico e da mudança comportamental, mas aquela que promove espaços saudáveis, empodera a população e desenvolve habilidades, conhecimentos e atitudes, conceitos que podem e devem ser explorados por uma pedagogia do futebol que contribuam para o desenvolvimento destes, principalmente em ambientes educacionais, formais ou não formais, como projetos sociais do terceiro setor, que intentam utilizar o esporte/futebol como ferramenta de transformação social.

Destarte, acreditamos que o jogo e a reflexão por meio da discussão são os métodos que vão ao encontro de uma pedagogia inovadora, voltada ao desenvolvimento de valores congruentes com o ideal ampliado de promoção de saúde. Isso não significa ignorar as dimensões técnicas e táticas, muito menos as habilidades físicas requeridas ao jogar futebol, mas, concordando com Daolio (2002), as colocam num plano mais tardio do processo.

Nesse sentido, o jogar futebol deixaria de ser mais uma atividade exclusivamente física, técnica e tática, para ser um exercício de cidadania, convergindo assim com os objetivos do terceiro setor, quicá da vida em sociedade, sendo a saúde uma protagonista nata.

## REFERÊNCIAS

1-Bracht, V. Educação Física & Saúde Coletiva: reflexões pedagógicas. In: Fraga, A.B.; Carvalho, Y.M.; Gomes, I.M. (Orgs.). As Práticas Corporais no Campo da Saúde. São Paulo. Hucitec. 2013. p.178-197.

2-Bracht, V. Sociologia crítica do esporte: uma introdução. 3ª edição. Ijuí. Unijuí. 2005.

3-Capela, P.R.C. Quais as relações da educação física com os movimentos sociais? Motrivivência. Vol.14. 2000. p.137-145.

4-Carvalho, A.; Carvalho, G. Educação para a saúde: conceitos, práticas e necessidades de formação. Lisboa. Lusociência. 2006.

5-Czeresnia, D. O conceito de saúde e a diferença entre prevenção e promoção. In: Czeresnia, D.; Freitas, C.M.F. (Orgs). Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro. Fiocruz. 2003. p.39-53.

6-Daolio, J. Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos-modelo pendular a partir das idéias de Claude Bayer. Revista Brasileira de Ciência e Movimento. Vol.10. Num.4. 2002. p.99-104.

7-Daolio, J; Velozo, E.L. A técnica esportiva como construção cultural: implicações para a pedagogia do esporte. Pensar a Prática. Vol.11. Num.1. 2008. p.9-16.

8-Devide, F.P. Educação física e saúde: em busca de uma reorientação para a sua práxis. Movimento. Vol.3. Num.5. 1996. p.44-55.

9-Giglio, S.S. Futebol-arte ou futebol-força? In: Daolio, J. (Org.). Futebol, cultura e sociedade. Campinas. Autores Associados. 2005. p.53-72.

10-Hirama, L.K.; Montagner, P.C. A pedagogia do esporte em projetos socioeducativos: algo para além de tirar as crianças da rua. São Paulo. Phorte. 2012.

11-Kunz, E. Transformação didático-pedagógica do esporte. 8ª edição. Ijuí. Unijuí. 2016.

12-Libâneo, J.C. Didática. 2ª edição. São Paulo. Cortez. 2013.

13-Lotti, A.D.; Oliveira, R.C. Pedagogia do esporte, promoção da saúde e Educação Física: revisão da literatura entre 1990 e 2012. Salusvita. Vol.35. Num.2. 2016a. p.279-298.

14-Lotti, A.D.; Oliveira, R.C. Proposta pedagógica para o ensino da natação a partir do modelo pendular. Pensar a Prática. Vol.19. Num.3. 2016b. p.665-676.

15-Machado, G.V.; Galatti, L.R.; Paes, R.R. Pedagogia do esporte e projetos sociais: interlocuções sobre a prática pedagógica. Movimento. Vol. 21. Num.2. 2015. p.405-418.

16-Machado, G.V.; Galatti, L.R.; Paes, R.R. Seleção de conteúdos e procedimentos pedagógicos para o ensino do esporte em projetos sociais: reflexões a partir dos jogos

esportivos coletivos. Motrivivência. Vol. 24. Num. 39. 2011. p.164-176.

17-Marques, M.O. Pedagogia. In: Gonzáles, F.J.; Fensterseifer, P.E. (Orgs.) Dicionário crítico de educação física. 3ª edição. Ijuí. Unijuí. 2014. p. 487-490.

18-Minayo, M.C.S. A saúde em estado de choque. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 1992.

19-Montagão, C. Terceiro setor e questão social: crítica ao padrão emergente de intervenção social. 6ª edição. São Paulo. Cortez. 2010.

20-Oliveira, R.C. O futebol nas aulas de educação física: entre “dribles”, preconceitos e desigualdades. Motriz. Vol.12. Num.3. 2005. p.301-306.

21-Organização Mundial da Saúde. Carta de Ottawa. In: Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde. Ottawa. Canadá, 1986.

22-Palma, A.; Estevão, A.; Bagrichevsky, M. Considerações teóricas acerca das questões relacionadas à promoção da saúde. In: Bagrichevsky, M; Palma, A; Estevão, A. (Orgs.). A saúde em debate na educação física. Blumenau. Edibes. 2003. p.15-31.

23-Pinto, R.N.; Oliveira, C.B. Esporte, infância e Juventude despossuída: uma análise das ONGs como acontecimento discursivo. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Vol.39. Num.1. 2017. p.39-48.

24-Rossetto Júnior, A. J. Os jogos como instrumento de aprendizagem e formação esportiva de crianças e adolescentes. In: Silva, L. R. R. (Org.). Desempenho esportivo: treinamento com crianças e adolescentes. 2ª edição. São Paulo. Phorte. 2010. p.334-355.

25-Rossetto Júnior, A.J.; Costa, C.M.; D'ângelo, F.L. Práticas pedagógicas reflexivas em esporte educacional: unidade didática como instrumento de ensino e aprendizagem. São Paulo. Phorte. 2008.

26-Sadi, R.S. Temas da pedagogia do esporte, educação esportiva e competições. Conexões. Vol.6. 2003. p.377-388.

27-Santana, W.C. Futsal: Apontamentos Pedagógicos na Iniciação e na Especialização. Campinas. Autores Associados. 2008.

28-Scaglia, J.A. O futebol e as brincadeiras de bola: a família dos jogos de bola com os pés. São Paulo. Phorte. 2011.

29-Scaglia, J.A. O futebol e o futebol que se ensina. Dissertação de Mestrado. Unicamp. Campinas. 1999.

30-Tubino, M.J.G.; Tubino, F. M.; Garrido, F. A. C. Dicionário enciclopédico Tubino do esporte. Rio de Janeiro. Senac. 2007.

31-Westphal, F.M. Promoção da Saúde e Prevenção de Doenças. In: Campos, G. W. S e colaboradores (Orgs.). Tratado de Saúde Coletiva. 2ª edição revisada e ampliada. Hucitec. 2012. p.681-718.

Recebido para publicação em 30/03/2021  
Aceito em 12/04/2021